

Células-tronco e Descarte de Embriões¹

Marcos David Muhlpointner²

Imagine que uma mulher está há duas semanas com a menstruação atrasada e, desconfiada, compra na farmácia mais próxima da casa dela um teste para gravidez. Sentindo os sintomas básicos de uma provável gravidez ela faz o teste com quase certeza do resultado que aparecerá. Depois de alguns minutos de colher o material, a cor do teste se modifica e suas suspeitas se confirmam: ela está grávida. Minha pergunta é: ela está grávida de quê?

Há algum tempo atrás a resposta a essa pergunta seria óbvia: ela está grávida de um bebê. Mas o que entendemos pela palavra "bebê"? Certamente entendemos que se trata de um ser humano pequeno e indefeso, ou seja, uma criança. Também usamos esse termo logo depois do nascimento para designar aquele ser frágil e delicado, que carece de inúmeros cuidados.

Pois é, meus queridos leitores, e minhas queridas leitoras também, para alguns cientistas, e acho que para alguns evangélicos também, essa mulher hipotética da nossa história acima não está grávida de um ser humano. Para alguns outros cientistas, essa mulher não está grávida nem de uma pessoa. Hoje em dia, se você não sabe, os estudiosos fazem diferença entre o que é uma pessoa e o que é um ser humano. Vou tratar disso oportunamente, mas a princípio, basta dizer que muitos encaram a possibilidade de um ser humano não ter pessoalidade, ou seja, não ser uma pessoa.

Agora, nesse momento de euforia e alegria dessa mulher, fale a ela que ela não está grávida de um bebê, e sim de um amontoado de células que, potencialmente, poderão se transformar num bebê; quem sabe numa pessoa. Imagine dizer a ela que ainda não é um ser humano que está dentro dela, que ainda a vida não começou dentro dela. Como ela se sentiria ao saber que toda essa alegria pode não se confirmar! Bem, estou raciocinando de modo bem especulativo. Entretanto, temos essa realidade nos nossos dias. Cada vez mais cresce o debate em torno de quando começa a vida, particularmente a vida biológica.

Existe uma expectativa muito grande — e muitos cientistas até prometem — para a cura de determinadas doenças a partir da pesquisa com células-tronco embrionárias. Como já tratei no artigo anterior a esse, essas células-tronco embrionárias podem se transformar em qualquer um dos tecidos humanos. Doenças neurológicas degenerativas, como o Parkinson ou Alzheimer; doenças musculares, como a distrofia ou paralisia; males como a paraplegia ou tetraplegia, ou o diabetes entre outros, poderiam ser resolvidos a partir das células-tronco.

Vou explicar melhor. Suponha que alguém desenvolva o Mal de Parkinson. Essa doença é caracterizada pela morte ou perda da capacidade de alguns neurônios de controlar os movimentos musculares. Por causa disso, essa pessoa apresenta tremores, rigidez muscular, dificuldade de andar e se locomover. Como esses neurônios vão morrendo lentamente, há uma progressão paulatina da doença. Como esse neurônios morrem, eles deixam de fabricar a dopamina, uma substância capaz de mediar a atividade desses neurônios.

Até hoje não há métodos para a cura dessa doença. Trata-se de uma doença degenerativa, para a qual os tratamentos são para a reposição da dopamina e o controle de seu avanço. Os neurônios - células do sistema nervoso - não têm capacidade regenerativa, ao contrário das células da pele. Se você se cortar o ferimento se fecha e uma nova camada de células forma a

1 Texto original, sem edição, disponível em <http://www.provoice.com.br/artigos-diversos/mm.htm>

2 Biólogo pela Univ. Mackenzie e professor de Ciências e Biologia em colégios particulares de São Paulo. Membro da Comunidade de Jesus - São Bernardo do Campo, exercendo os ministérios de música e de pregação. Faz palestras sobre bioética, ciência e fé e atualmente está preparando um livro sobre Bioética à luz da Bíblia. marcos.david.m@uol.com.br

pele novamente. Com os neurônios isso não acontece. Apesar dos estudos sobre regeneração neuronal avançarem, ainda são bastante incipientes. Esse é um caso em que as células-tronco poderiam ter sucesso. Faríamos uma cultura de células-tronco a fim delas se transformarem em neurônios e as colocaríamos no cérebro dessa pessoa doente. O problema é: podemos fazer experimentos com células-tronco embrionárias?

Um adulto tem células-tronco na medula de seus ossos, principalmente o osso da bacia, mas essas células perderam a capacidade de se transformar em todos os tecidos. Elas podem se transformar num número menor de tecidos. E a grande discussão ética está aqui: usar ou não as células-tronco embrionárias disponíveis.

Hoje muitas clínicas já guardam células-tronco retiradas do cordão umbilical, logo depois do parto. Mas mesmo essas células do cordão umbilical não têm a mesma capacidade de diferenciação das embrionárias. É por isso que, para a comunidade científica, as células-tronco embrionárias se transformaram no "objeto de desejo".

Percebeu onde quero chegar? As clínicas de fertilização possuem milhares de embriões congelados. Todos eles, congelados com algumas dezenas de células, todas indiferenciadas, podendo se transformar em milhares de seres humanos, se implantados nos úteros das mulheres. É muito conveniente, por exemplo, um cientista afirmar que só podemos considerar um ser humano quando se forma o sistema nervoso, lá para a 8ª semana de gestação, quando ele está interessado em usar células-tronco embrionárias. Isso aliviaria a consciência e descriminalizaria o procedimento científico.

Como já vimos anteriormente, há um grande interesse na pesquisa com essas células, pois elas representam uma possibilidade de cura para muitas doenças incuráveis hoje em dia. Doenças degenerativas como as neurológicas e algumas musculares, doenças metabólicas, doenças herdadas geneticamente ou adquiridas, enfim, muitas delas poderão ser tratadas até a sua cura definitiva.

Uma das razões do grande interesse nessas pesquisas é justamente o fato das pessoas não gostarem de ficar doentes. Febres, dores, indisposições, todo tipo de mal-estar é combatido vigorosamente por cada um de nós. Ao primeiro espirro ou tosse, toda mãe cuidadosa já fica atenta e manda a criança se proteger do frio para evitar o pior. E, muitas vezes, mesmo assim, nossa luta é vã. Aí então entram os remédios, injeções, tratamentos, dietas, faltas no trabalho, na escola, enfim, entramos num período que ficamos limitados nos nossos afazeres e prazeres. Precisamos abrir mão do que gostamos de fazer, da convivência de quem gostamos. Nosso humor muda e ficamos irritados e depressivos. Toda aquela força e robustez desaparecem. Aquela jovialidade e vigor da vida quase murcham por completo. Ah, que coisa ruim é ficar doente e que praga é a doença.

É minha firme convicção que toda pessoa que escolhe trabalhar na área da saúde, na área médica ou biomédica tem um real interesse no bem-estar do próximo. Por outro lado, sei que existem muitos profissionais na medicina que são incorretos, agem de má fé e estão interessados em coisas escusas. De qualquer forma, é um tipo de profissão que força o profissional a fazer certas escolhas, algumas bem difíceis.

O mesmo acontece com aqueles profissionais que optam por trabalhar na área da pesquisa científica. Especialmente no Brasil, os cientistas não são remunerados como acham que merecem — acho que isso também acontece com engenheiros, médicos, advogados e até biólogos — mas mesmo assim optam por fazer pesquisa pelo prazer que isso representa, pelo desconhecido que querem desvendar e até mesmo aplicar os resultados das pesquisas ao benefício das pessoas, particularmente aos doentes. Acredito que as pesquisas com células-tronco também envolvem esse aspecto. Tem muita gente séria trabalhando com pesquisa básica para a melhoria da nossa qualidade de vida.

Contudo, é necessário comentar, infelizmente, que na área científica também existe muito interesse errado. Há muita gente interessada em apenas ficar famosa, angariar mais e mais

recursos financeiros governamentais e privados e fazer o nome. Qual cientista não gostaria de ficar "eternizado" nas páginas da *Science* ou da *Nature* como aquele que descobriu a cura para a AIDS, ou Parkinson, ou diabetes, ou até mesmo para doenças mais simples como um resfriado! Imagine-se sendo aclamado pelas pessoas, pela mídia especializada, dando entrevistas na televisão e revistas. Tal cientista seria recebido por todo tipo de autoridade, presidentes, chefes de Estado... congressos, simpósios e conferências. Pois é, a área científica não é diferente de nenhuma outra e também tem cientista fazendo pesquisa para receber os "louros da vitória".

Julguei necessário fazer essa pequena digressão do tema central para mostrar o que pode estar por trás dos argumentos dos cientistas. E, antes que julguem mau, não vou tecer nenhum tipo de juízo de valor quanto aos interesses das pessoas envolvidas nessas pesquisas. Não é minha função julgar (no sentido jurídico da expressão) a conduta das pessoas, nem dos cientistas sérios, nem dos picaretas, nem das pessoas doentes de certos males, que nos momentos de dor mais aguda fariam qualquer coisa para se curarem (até mesmo comprarem suas "curas" em templos evangélicos de pastores "fazedores" de milagres).

Pois bem, no Brasil há cerca de 20 mil embriões congelados, que não serão usados para fertilizar nenhuma mulher e que, em aproximadamente 3 anos, serão completamente descartados (vale lembrar que esses embriões só estão congelados por que casais inférteis buscaram auxílio nas clínicas de reprodução assistida). Para não usar de eufemismos: esses embriões serão jogados fora! Só pra apimentar a conversa: são 20 mil embriões que, se implantados em 20 mil mulheres poderiam gerar 20 mil crianças! Retomo a mesma pergunta dos dois textos anteriores: esses 20 mil embriões são seres humanos ou não? Se não são humanos, então podemos utilizá-los nas pesquisas como se usássemos células sanguíneas. Podemos tirar alguns mililitros de sangue de uma pessoa, utilizar em pesquisa e essa pessoa doadora não perde a sua vida por causa disso. Se não são humanos, então não infringiremos nenhuma lei, pois não mataremos nenhum ser humano.

Agora, se considerarmos esses embriões como humanos legítimos, não em potencial, aí teremos que repensar o valor das nossas pesquisas. Se esses embriões são seres humanos, eles têm direito à vida e, portanto, ao usá-los nas pesquisas, estaríamos negando esse direito a eles. Por isso é que acho de fundamental importância sabermos nos posicionar quanto à pesquisa com células-tronco. A ciência, muitas vezes, é um caminho sem volta e, em vez de ajudar, pode criar traumas e problemas seríssimos. A sociedade precisa discutir e aprofundar esse tema urgentemente.

Um amigo meu, ginecologista e vereador em São Paulo, numa das conversas que tivemos sobre isso colocou um exemplo que ilustra bem isso. Há algum tempo atrás, os casais só sabiam o sexo da criança na hora do parto. Com o aparecimento do ultra-som, podemos saber o sexo da criança muito tempo antes do parto. Ninguém nega que o ultra-som seja um avanço. Entretanto, o exame pode acusar um criança anencéfala, fadada a morrer logo depois do parto. Pronto, agora temos um problema, e sério: o que o casal vai fazer? Veja, a frustração do casal começa imediatamente. Mantém a gravidez? Tiram a criança antes? Será que vão tentar outra gravidez? Será que devem adotar uma criança? Será que devem procurar a inseminação artificial? Será que o casal tinha estrutura psicológica para receber um resultado desse? Como que o ginecologista conduziu o caso? Essas são questões que não existiam há 50 anos atrás. Elas existem agora e precisamos discuti-las!

Há quem pense da seguinte maneira: "Bem, já que os embriões existem e serão descartados, seria mais digno que fossem utilizados para pesquisas científicas". Então, por que não pensar a mesma coisa para pessoas que se encontram em estado vegetativo, tal como Terri Schiavo se encontrava? Bem, ao perder suas faculdades mentais, Terri não apresentava mais sinais vitais no cérebro, mas foi mantida viva, ligada a aparelhos que a alimentavam e cuidavam de seus parâmetros metabólicos. Ora, se Terri Schiavo já não mostrava sinais de autoconsciência, quanto mais um embrião que ainda não desenvolveu o sistema nervoso central! Será que é por isso que muitos cientistas consideram o início da vida apenas quando o sistema nervoso central está formado, lá pela 20ª semana de gestação?

Terri Schiavo não tinha consciência e nem se expressava, mas Christopher Reeve estava consciente e se expressava, apesar de ter ficado tetraplégico! Ainda vivo, o físico Stephen Hawking, se comunica apenas de modo digital e também vive de modo vegetativo. Será que a vida é mesmo alguns sinais elétricos emitidos pelo córtex cerebral e captados pelos aparelhos mais modernos de ressonância ou tomografia? Será mesmo que a vida começa quando esses sinais elétricos são captados na 20ª semana de gravidez. Tem um ditado que diz que enquanto houver vida, há esperança. Para o cristão, a esperança advém da *morte* de Jesus Cristo.

Só pelo fato da Bíblia mostrar que Deus é o criador da vida, já nos serve de alerta para investigarmos o que Ele pensa do assunto. Por outro lado, a Bíblia também nos mostra que Ele é o sustentador da vida, o mantenedor da existência dos seres vivos, particularmente dos humanos, com os quais Ele estabelece uma relação mais direta. É justamente por isso que julgo ser de suma importância a manutenção e a luta pela vida. Recebemos de Deus a vida e os recursos para a sua manutenção.

Assim sendo, reitero que Deus é o sustentador da vida, no sentido de prover os meios para que os seres vivos vivam e se reproduzam. Da nossa parte, seres dotados de inteligência e uma certa transcendência, somos responsáveis por usarmos os recursos que Ele nos dispõe. Mas vamos ampliar um pouco nossa visão da importância que Deus dá aos seres humanos.

O salmista quando está pensando na grandiosidade da criação de Deus, questiona qual seria a posição do homem. Ao mesmo tempo é impactado com a verdade da dignidade da posição do homem diante de Deus (Salmo 8:4-6). É bem verdade que com a entrada do pecado provocada pelo próprio homem, essa dignidade se perdeu totalmente. Mas quando da criação original, o homem era um pouco menor que os anjos. Ainda assim, os humanos aparecem numa posição de destaque, pois Deus Se aproxima e busca ter comunhão com a coroa da Sua criação (Salmo 14:2).

Ainda no livro das origens, Gênesis, vemos o relato de Deus procurando o primeiro casal na viração do dia (Gênesis 3:8). Não nos é possível saber com exatidão quanto tempo demorou da criação de Eva até a Queda. Mas podemos extrair do texto que Deus, há algum tempo, procurava o casal no fim de cada dia. Isso só pode significar a importância que Deus dava para a relação direta com Adão e Eva. Vemos que Ele os procurava. E o fazia num momento do dia propenso à conversa: depois das atividades diárias, da colheita dos frutos, das conversas entre o casal, da convivência pacífica com os animais... Ora, depois que o casal "já tivesse assunto", vinha Deus para conversar com eles. Essa é mais um prova da importância que Deus dá para a vida humana.

Um outro lado da questão que quero enfatizar é o fato de Jesus, a imagem do Deus vivo (João 14:9), ter vindo em forma humana. Ele poderia não ter encarnado, ter vencido a morte sem a encarnação. Primeiro porque, já sendo imortal, poderia vencer a morte facilmente. Segundo, porque poderia ter destruído a Satanás em qualquer momento da história. Mas não! Deus escolhe enviar Seu Filho na semelhança do pecado, para vencer o pecado no seu próprio campo de atuação. A encarnação encerra uma máxima que não pode sair das nossas mentes e corações: Deus Se fez homem e como homem habitou no nosso meio, sofrendo das mesmas limitações que nós, para nos dar uma esperança inefável.

Principalmente por esses motivos é que devemos nos posicionar contra o uso indiscriminado dos embriões que estão congelados. A argumentação de que o uso desses embriões lhes daria dignidade ("*pois seriam descartados mesmo...*"), esconde um problema. Esses embriões não têm capacidade de decidir se querem ou não fazer parte das pesquisas científicas. Não se pode dispor da vida dos seres vivos a bel prazer, mesmo com a argumentação do benefício universal, do bem-estar geral, do avanço científico ou até mesmo a argumentação da cura de certas doenças.

O meu temor é que essa discussão esconde uma outra discussão ainda mais urgente. Por que há tantos embriões congelados? E se já existem tantos, por que ainda continuar com isso?

A resposta está nas clínicas de fertilização. Hoje, quando um casal tem problemas para engravidar, os geneticistas lançam mão da inseminação artificial. Estimula-se a ovulação de vários óvulos, eles são fecundados e colocados na mulher entre 3 e 4. Os "outros" são congelados para uma "possível eventualidade". Se essa primeira inseminação "funcionar", os outros embriões ficarão congelados e não serão mais utilizados pelo casal.

A discussão é: o que de fato significa ser mãe? O que realmente é ser mãe e pai de uma criança? Não nego os sonhos das mulheres terem seus próprios filhos gerados por elas e seus maridos, manter e sustentar uma gravidez, sonhar com os sonhos que vai ouvir nos exames, dos chutes que a criança vai dar. Mas será que ser mãe é apenas gerar uma criança no ventre? Vou mais longe ainda, pelo que vejo nas Escrituras, a soberana vocação de Deus às Suas filhas, é que elas sejam mães excelentes.

Mas ser mãe não é apenas gerar uma criança em seu ventre. Quantas mulheres têm seus filhos naturais e os descartam. E é isso que se faz com os embriões congelados e não "utilizados". Depois de três anos de congelamento ele não servem para a pesquisa. E qual é a diferença de um embrião congelado descartado e uma criança recém-nascida descartada. Há alguns meses, ficamos indignados e chocados com uma criança encontrada num saco plástico, abandonada na Lagoa da Pampulha em Belo Horizonte. Será que temos a mesma indignação pelos embriões que serão (ou que já estão sendo) descartados?

Fica o alerta para pensarmos e aplicarmos às nossas vidas.

"...e nos destinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade" – Efésios 1:5